
Representações juvenis e diversidade cultural em *Euphoria*¹

Rodrigo Bomfim OLIVEIRA²

Eliana ALBUQUERQUE³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este trabalho discute as representações juvenis e a diversidade cultural presentes na série *Euphoria* (HBOMAX, 2019 a 2022), com duas temporadas, que vem causando polêmica nas redes sociais e entre os diversos públicos, tanto pelo tipo de problemas juvenis, familiares e sociais que aborda quanto pela qualidade da produção. Para tanto, recorremos a uma breve pesquisa, direcionada a universitários e realizada via internet (Wzapp, Facebook e Instagram) no mês de junho de 2022, quando a segunda temporada já estava no ar, sendo respondido por pessoas em idade de 17 a 28 anos. Os resultados, aliados à discussão teórica sobre o que chamamos de juventudes é o que nos movimenta nesse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: representações juvenis; diversidade cultural; *Euphoria*.

Ao longo de mais de cem anos do cinema e da possibilidade técnica de exibição e fruição social de imagens em movimento, o campo do audiovisual modificou-se bastante a partir da possibilidade de acesso via Internet.

A televisão, que em 2020 completou setenta anos de implantação no Brasil, teve e tem uma centralidade importante da vida social, no debate público e no âmbito cultural em geral. Teve seu apogeu como mídia aberta generalista até o fim dos anos 1990, mas modificou-se para se adequar às exigências da denominada TV Social (FECHINE, 2017) a partir dos anos 2000, tudo isso viabilizado pela convergência midiática e a cultura participativa articulada por meio da Internet.

Atualmente, com a popularização da banda larga, praticamente todos os grandes canais de televisão oferecem a possibilidade de assistirmos aos conteúdos que estão

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Pesquisador do Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas (GOCC), CNPQ/UESC. Email: rboliveira@uesc.br

³ Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Pesquisadora do Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas (GOCC), CNPQ/UESC. Email: ecalbuquerque@uesc.br

disponíveis em plataformas próprias ou associadas; de modo gratuito ou pago; pelo sistema de *streaming*⁴ de vídeos.

Historicamente, como defende Philippe Dubois (2004), o discurso da novidade, se sobreporia e “mataria” o antecessor com o desenvolvimento linear de um novo suporte (máquina de imagem). Tal discurso é recorrente em momentos de surgimento de novas possibilidades midiáticas – assim foi com a fotografia em relação à pintura; da fotografia para o cinema; do cinema e do rádio para a televisão, destes todos para a internet e assim por diante. Busca-se aqui o afastamento desse discurso, reconhecendo, entretanto, que o surgimento de cada suporte, insere novos elementos nas lógicas de produção, de escoamento dos produtos e na escolha dos temas e personagens, assuntos que são mais do interesse deste artigo.

As narrativas seriadas foram e são ressignificadas o tempo todo em suas estratégias de produção, distribuição e diversidade temática, elementos agora intimamente ligados a uma lógica algorítmica como estratégia de endereçamento dos conteúdos. Para parcelas da população que podem assinar uma ou mais plataformas de *streaming*, não há necessidade de aguardar o horário estipulado pela grade de programação da TV aberta, podendo assistir seus programas favoritos sob demanda, no horário que melhor lhes convier.

Dentro do universo das narrativas seriadas, há um nicho de produções nas principais plataformas como a Netflix; Primevideo; HBOMAX; Disney; Globoplay e outras. São séries que evocam as representações de vivências dos jovens e adolescentes, com suas problemáticas em diálogo íntimo com agendas contemporâneas de comportamento cultural. Produzidas em países diferentes e com temáticas diversas, as chamadas de *Teen Dramas* - ou dramas juvenis possuem, em geral, cunho dramático com as tramas focadas quase sempre em adolescentes em fase escolar (não somente, mas de modo muito recorrente) e os problemas pertinentes a tal idade – laços de amizade, relações amorosas e familiares etc. Geralmente, têm como núcleo principal um grupo de amigos jovens, porém, dependendo de cada série, é dada maior ou menor ênfase à família de um ou mais personagens e, com a crescente mistura de gêneros narrativos, outros elementos e ambientes também dividem o espaço do enredo (COUTINHO, 2016).

⁴ Streaming é um sistema que possibilita a transmissão de conteúdos pela internet, sem a necessidade do usuário fazer download para ter acesso ao filme, música ou livro. Além disso, dependendo do seu plano de internet, não é preciso esperar o carregamento total para começar a usar.

Exemplos interessantes são as séries da principal plataforma de *streaming* do mundo, a Netflix, que investe alto nesse público com produtos realizados em diversos países: *13 Reasons Why* (EUA, 2017 a 2020, de Brian Yorkey, com quatro temporadas); *Stranger Things* (EUA, 2016 à atualidade, de Matt e Ross Duffer, com três temporadas); *Atypical* (EUA, 2017 a 2019, de Robia Rashid, com três temporadas); *Sex Education* (Reino Unido, 2019 a atualidade, de Laurie Nunn, com quatro temporadas); *Merlí* (Espanha, 2015 a 2017, de Héctor Lozano e Eduard Cortés, com três temporadas), *Boca a Boca* (Brasil, 2020, de Esmir Filho, uma temporada); *Eu nunca...* (EUA, de Mindy Kaling e Lang Fisher, uma temporada); *Elite* (Espanha, de Ramón Salazar et all , 2018 a 2020, três temporadas); *Skins* (Reino Unido, de Kamie Brittain e Bryan Esley, com sete temporadas); *Control Z* (México, de Carlos Quintanilla Sakar, Adriana Pelusi e Miguel García Moreno, 2020, com duas temporadas), entre outros.

Mas, além da Netflix, outras plataformas buscam o mesmo público e, algumas o fazem de modo incisivo como é o caso da HBOMAX que, com a sua série *teen Euphoria* (2019 a 2022), com duas temporadas, vem causando muita discussão entre os jovens tanto pelo tipo de problemas que aborda quanto pela qualidade da trilha sonora, fotografia, direção e produção, atuação do elenco, roteiro e opções estéticas diferenciadas. Escrita e dirigida por Sam Levinson, na palavra de jovens ouvidos neste trabalho, “*Euphoria* é uma narrativa da vida real”.

Por isso essa série não foi escolhida para esse trabalho ao acaso. Além dos debates intensos em redes sociais, ela vem permeando também a discussão dos alunos do curso de Rádio,TV e Internet da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no sul da Bahia, desde o seu surgimento na plataforma, em plena pandemia do Covid-19, quando o ensino estava se dando na modalidade remota. Como professores deste curso, nos interessamos em entender o porquê de tal interesse e fomos também assistir à série que, de cara, nos surpreendeu tanto pela forma quanto pelo conteúdo, que remete à discussão de múltiplas formas de juventudes, com suas contradições e desafios, sem muita preocupação em definir quem é bom ou mau; quem é certo ou errado e assim por diante. Na série, todos estão em processo de vida, como disseram os alunos.

Ficamos interessados em identificar o que os alunos entenderam e sentiram diante da série. Por isso, elaboramos uma rápida pesquisa direcionada a eles pelos grupos do curso existentes na internet (de Wzapp, Facebook e Instagram) no mês de junho de 2022, quando a segunda temporada já estava no ar.

O breve questionário, desse modo, foi respondido por jovens em idade de 17 a 28 anos, com um total de 68 respostas espontâneas, sem qualquer tipo de imposição ou obrigatoriedade acadêmica. A quantidade de respostas nos surpreendeu porque, além de corresponderem a quase 1/3 do total de alunos do curso, elas foram dadas em um período particularmente especial para o nordeste brasileiro, que é o mês das festas juninas, quando os trabalhos acadêmicos perdem o foco dos alunos que, em sua maioria, se voltam para o forró. Mesmo assim, obtivemos 68 respostas, o que nos deu uma boa margem para análise já que os jovens são oriundos de várias cidades diferentes, a maioria do interior da Bahia, mas também de outros estados, incluindo suas capitais, o que nos permitiu ampliar nosso olhar.

Juventudes e a centralidade das ficções seriadas

Em linhas gerais, podemos afirmar que a juventude é um conjunto de ideias e, ao mesmo tempo, uma situação social (GROPPO, 2000). É possível entender esse grupo através dos jovens que aparecem nas narrativas midiáticas e, também, por outra perspectiva, onde a relação com essa fase da vida — no Brasil definida entre os 15 a 29 anos — vai além da restrição etária. Olhar para a diversidade entre os indivíduos na atualidade é crucial para elaborar questões a partir dos anseios de cada parcela juvenil e driblar afirmações do passado, que podem ser impedimentos na resolução das dificuldades enfrentadas por eles no presente (NOVAES, 2007). Temos, portanto, que ponderar os dois critérios quando falamos da juventude: tanto o social quanto o etário. O social porque, a partir dele, podemos entender as diversas características sócio-econômico-culturais e significados das vivências juvenis. O etário porque, através dele, a fase foi institucionalizada (GROPPO, 2000).

No critério social estão as ideias a respeito das parcelas juvenis presentes nos noticiários ou na ficção e que resultam em muitas trajetórias. Seja na negação dessa representação ou na absorção dela, os jovens, de uma forma ou de outra, internalizam as expectativas de toda a sociedade a respeito da juventude e somam essas ideias àquelas que eles possuem da própria condição.

Bourdieu (1993, p. 112) aponta o “ser jovem” como resultado de uma divisão ideológica e a partir da relação de poder entre jovens e velhos. Ao definir o que é ser jovem, as parcelas mais velhas delimitam o espaço desses indivíduos e tomam para si a

responsabilidade e o poder sobre eles, através da restrição etária do conhecimento. A mídia tradicional reproduz essa mesma relação quando representa a sua juventude, difundindo ideias e comportamentos para um número muito maior de jovens e, por consequência, construindo um roteiro a ser seguido por eles, principalmente quando nos referimos aos jovens excluídos socialmente.

O sociólogo também destaca que a juventude não é uma unidade social com os mesmos interesses em comum. Logo, classificá-la de algum modo é, na visão dele, “uma manipulação” (BOURDIEU, 1993, p. 113). Com isso, é de se esperar que, mesmo em condições juvenis semelhantes, o que é visibilizado na televisão enquanto valor para esses indivíduos não resulte sempre em uma mesma trajetória, já que os jovens, mesmo com oportunidades limitadas, ainda podem fazer escolhas.

O que se deve observar aqui é o outro lado das coisas: pode não ser uma coincidência, por exemplo, que muito jovens optem pela criminalidade e se tornem uma ameaça à sociedade, do mesmo modo como são muitas vezes representadas na mídia. Neste caso, a narrativa estaria respaldando o comportamento que ela mesma incentiva ao narrar, num sem fim de trocas e aceitações entre sujeitos.

Portanto, com uma narrativa em que muitas afirmações são feitas a respeito dos jovens tanto nos produtos ficcionais quanto nos noticiários, a mídia colabora para a diminuição de poder e autonomia desse jovem e fortalece, na sociedade, uma ideia de que a juventude é um problema social a ser resolvido (ABRAMO, 1997).

Vale lembrar que a desigualdade social faz com que a juventude, enquanto fase de vida, não possa ser vivenciada somente pela faixa etária, já que a condição de existência é precária para muitos indivíduos. Muitos jovens têm que lidar cada vez mais cedo com responsabilidades anteriormente entendidas como sendo específicas dos adultos: casamento, filhos e trabalho (NOVAES, 2007). Para não cair no equívoco de desconsiderar esses indivíduos na elaboração de uma representação a respeito da juventude, devemos lembrar que estar nessa fase de vida faz com que eles sejam adultos para algumas coisas e crianças para outras, como defendido por Bourdieu (1993), o que mostra que o grupo juvenil pode ser unido pela faixa etária e, ao mesmo tempo, separado pelas condições sociais.

As condições marcadas pela faixa etária e pelos aspectos sociais deságuam na cultura, sendo esse o ponto de partida para entender o que significa ser jovem na atualidade, somados ao aspecto econômico e à sensibilidade tecnológica. A cultura

juvenil, desse modo, funciona como espaço de enunciação e, por associação, de reivindicação e articulação de pautas comuns. Deve-se olhar para esse espaço de transferências, seja a partir da socialização, da produção artística ou das novas tecnologias, direcionando a visão para construir novas perspectivas de representação desses indivíduos. É na cultura que o jovem constrói a si mesmo, sendo a vivência cultural um processo central dessa fase da vida.

Juventudes em *Euphoria*

Observando particularmente as narrativas das juventudes da serie *Euphoria*, da HBOMAX, percebemos que o foco dos seus idealizadores é na diversidade cultural, social e étnica, para que seja possível criar uma liga com as várias identidades juvenis existentes e/ou em construção. Mas o que são essas identidades?

Imagem 1 – elenco base da primeira temporada



Fonte: HBO

Para compreendermos os conceitos das juventudes em sua diversidade e variados tipos de representação, recorreremos ao sociólogo Juarez Dayrell (2003, p. 42), para quem a noção de juventude na perspectiva da diversidade “implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social”. Ele explica ainda que “não se pode entender a juventude como um período de vida apenas, como uma etapa

com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta” (DAYRELL, 2003, p.42).

Logo, o conceito de juventude deve fugir do critério rígido que é estabelecido pela idade e incorpora a ideia de processo, de formação e vivência dos sujeitos. Portanto, não é uma fase a ser superada, mas um estado relacional com a própria vida de cada um, no seu próprio tempo e num sem fim de experiências, como fica muito claro em *Euphoria*, quando personagens em idade adulta têm comportamentos correspondentes aos dos seus filhos em idade de adolescência e alguns deles, por sua vez, superam a limitação da idade quando precisam se virar para sobreviver.

A série é classificada pela HBOMAX⁵ como um drama adolescente que retrata situações recorrentes da idade, como a sexualidade, o uso de drogas, as relações em redes sociais, violências sexuais e psicológicas, traumas da infância e a amizade, entre outros comuns em muitas outras séries juvenis.

Com duas temporadas e capítulos que duram de 50 a 60 minutos cada, é baseada na série israelense de mesmo nome, originalmente criada em 2012 por Ron Leshem e Daphna Levin. A versão americana foi adaptada, escrita e produzida por Sam Levinston, que assina também a produção executiva junto com Ravi Nandam, Kevin Turen, Daphna Levin, Tmira Yardeni e outros.

Os personagens fixos são estrelados por Zendaya, como *Rue Bennett* (uma jovem adolescente órfã de pai e viciada em drogas), que também é a narradora da série. Sua melhor amiga é *Lexi Howard*, estrelada por Maude Apatow, que é irmã mais nova de *Cassie* (Sydney Sweeney), que sofreu abuso sexual e guarda os traumas que isso trás.

A atriz Storm Reid faz *Gia*, a irmã mais nova de *Rue* e a atriz Nika King faz *Leslie*, mãe viúva das duas jovens. Ambas lutam para tirar *Rue* das drogas.

Já a modelo e ativista estadunidense Hunter Schafer faz a personagem *Jules Vaughn*, uma adolescente transgênero que vai morar na mesma cidade e passa a ter um relacionamento com *Rue* após viver uma experiência sexual com um homem mais velho que, depois ela descobre ser o pai do colega *Nate*.

Além desses personagens, outros ganham peso: *Fezco* (Angus Cloud), que é um traficante de drogas amigo de *Rue*; *Nate Jacobs* (Jacob Elordi), um popular atleta do colégio que esconde seus problemas sexuais e familiares sendo violento; *Cal Jacobs* (Eric

⁵ Disponível em: <<https://www.hbomax.com/br/pt/series>>. Acesso em 10 de junho de 2022.

Dane), um empresário moralista e pai de Nate, que leva uma vida dupla; *Kat Hernandez* (Barbie Ferreira), uma garota gorda que lida com a aceitação do seu corpo através da sexualidade e das fantasias; *Maddy Perez* (Alexa Demie), namorada de Nate na primeira temporada, que lida com a violência dele; *Christopher McKay* (Algee Smith), que é um jogador de futebol negro, namorado de Cassie na primeira temporada. Além desses, outros muitos personagens entram e saem da trama a cada episódio e temporada.

Para a construção narrativa dessas histórias, o diretor e roteiristas optaram por representações verossimilhantes à realidade com foco na carga dramática e atuações viscerais, opções estéticas que geraram muito debate e algumas polêmicas nas redes sociais. Um dos aspectos impactantes da série é a forma explícita como foram feitas as cenas de sexo, consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas e até em como abordar a depressão, causando preocupação em muitos adultos sobre a sua influência sobre os espectadores mais jovens.

Euphoria tenta evidenciar um retrato de uma geração, comumente chamada de Z, ou seja, os nascidos digitais pós anos 2000. Com pais mais ausentes no dia a dia, acesso à internet e muita liberdade, grande parte dos jovens passa por situações extremas em uma faixa etária formativa e complexa. Claro, isso já foi mostrado em várias séries e filmes durante décadas, a exemplo da série inglesa *Skins* (7 temporadas, 2007 a 2012). No entanto, o que torna o seriado da HBO interessante é como cada personagem é explorado. São tantos temas importantes que, em muitos momentos, a história da protagonista Rue parece até secundária em comparação com outros conflitos.

Em 2019, em entrevista ao *Youtube*⁶, Sam Levinston explicou que a série foi baseada em suas experiências pessoais com depressão, ansiedade e drogas no período da adolescência e que a "ansiedade consistente que existe nesta geração, formou todo o processo de filmagem". Ou seja, a densidade existente nos episódios não foi imaginada, mas vivida por alguém em algum tempo. Isso pode explicar a enorme identificação dos jovens com os personagens. Mas não apenas. O estilo de filmagem e fotografia (com direção de Marcell Rév), a cuidadosa trilha sonora original (composta pelo cantor e compositor inglês Labrinth) o título dos episódios (tendo como referências títulos musicais) e a peculiar direção e interpretação dos atores deram a *Euphoria* muitos

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EDVo7cv1Las>>. Acessado em 19 de julho de 2022.

prêmios, o reconhecimento da crítica especializada e uma audiência inicial média de 577 mil espectadores, que aumentou para mais de 17 milhões nas plataformas da HBO⁷ na segunda temporada.

Opiniões e conclusões

Para averiguar a opinião de jovens sobre a série *Euphoria*, foram enviados questionário a 68 estudantes de Comunicação Social, com idade entre 17 e 28 anos, via Internet (pelo *Wsapp*, *Instagram* e *Facebook*), no mês de junho de 2022. Mediante um breve questionário, pedimos para que eles respondessem antes se assistiram ou não a serie. 30 dos 68 jovens (menos da metade), não haviam assistido e, por isso, os descartamos da segunda parte. Aos 38 que assistiram, perguntamos: a) O que mais chamou atenção na série; b) Com que personagem mais se identificou e por que; c) Qual a situação/cena que mais lhe chamou atenção ou chocou e por que; d) O que achou da série e por que. Como já explicado, as questões foram respondidas espontaneamente, sem qualquer tipo de imposição ou obrigatoriedade acadêmica.

Para 30 dos 38 jovens que assistiram às duas temporadas de *Euphoria* (mais de 90%), o que mais chamou atenção na série foi a sua semelhança com a realidade e o modo como os fatos são ali tratados, com pouca (ou nenhuma) romantização. Para os restantes (menos de 10%) o que mais chama atenção é a parte técnica (Iluminação, música, fotografia, cenários) e a atuação dos atores.

Os personagens com quem mais se identificaram foram Rue (metade das respostas), pelo processo de perda do pai; sua luta para resistir às drogas e a relação com os amigos e a família; Kat (quase 30%), pela maneira como finge para viver, criando perfis e imagens que pouco ou nada têm a ver com ela, o que a faz sofrer; Cassie (quase 10%), pela forma como busca a aprovação das pessoas e Gia (quase 10%), pelo drama que passa com a irmã viciada. Percebemos que a identificação se dá mais por semelhanças entre a vida real e a ficção, com todas as respostas apontando nessa direção.

Sobre as situações com que mais chamou atenção: a luta de Rue para resistir às drogas (metade das respostas); o vazamento do vídeo de Jules na Internet (quase 30%) e a violência sofrida pelas namoradas de Nate (quase 20%). Essas respostas indicam que

⁷ Disponível em: <<https://variety.com/2022/tv/news/euphoria-season-2-premiere-ratings-viewership-hbo-max-1235150258/>>. Acessado em 18 de julho de 2022.

há muitos problemas pouco discutidos nos ambientes de convivência de jovens, como a universidade, por exemplo. Quem os vê, não imagina o que vivem no seu dia a dia.

Por fim, ao perguntarmos o que acharam da série e porque. As respostas são unânimes: *Euphoria* se destaca porque reproduz a realidade em toda sua dimensão, inclusive explorando conteúdos pouco comuns nas séries *Teens* como a mudança de sexo entre jovens; o uso de medicamentos controlados na infância e adolescência; o tráfico e os meninos que são levados a ele pela necessidade; a violência entre casais muito jovens, entre outras questões escondidas socialmente, mas cotidianas e recorrentes. E pela qualidade da produção, que foi cuidadosa em cada aspecto técnico, como iluminação, figurino, fotografia, música, títulos, efeitos e outros detalhes que fizeram a diferença. Foram citadas também as histórias dos personagens que, para a maioria, “não são bons nem maus, apenas são reais” (resposta da pesquisa).

Percebemos uma preocupação com aqueles que assistem à série em quase metade das respostas. Para estes, ela não é adequada para crianças nem para uma parcela dos adolescentes mais novos que podem “romantizar as cenas e terminar se influenciando para copiar o que vê” (resposta da pesquisa). Para outra metade, impactante e perigosa é a vida. A série é só uma narrativa dessa vida real.

Não pretendemos aqui esgotar o assunto porque entendemos que nele cabem outros olhares e análises, mas é possível dizer que, *Euphoria* anda na contramão da maioria das séries existentes. Praticamente todas as outras, ao mesmo tempo em que usam da polifonia para ressaltar a diversidade de juventudes e culturas, dicotomicamente, também tentam nivelar os comportamentos quando deságuam na transformação (em maior ou menor grau) de um jovem rebelde ou desajustado ao padrão que se espera dele. É a velha lição de moral que as séries ainda gostam tanto e o público, talvez por condicionamento, ainda espera. Já em *Euphoria*, isso não ocorre. Não há final feliz no fim do caminho. Há a vida e seus desafios constantes, como é.

Referências

ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** In: PERALVA, ANGELINA E SPOSITO (orgs). *Juventude e contemporaneidade.* Revista Brasileira de Educação, nº 5/6, mai./dez.1997.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.

COUTINHO, L. L. **A vida adolescente levada a sério**: identidade *teen* e cultura das séries (Tese de Doutorado PUC) 276 p. Rio Grande do Sul, 2016.

DAYRELL, J. **O jovem sujeito social**. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, nº 24, set./out./dez. 2003.

DUBOIS, P. **Cinema, vídeo e Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FECHINE, Y. **TV social**: contribuição para delimitação do conceito. Contracampo, Niterói, v.36, n.01, pp. 84-98, abr.2017 / jul. 2017.

GROPPO, L. A. **A juventude como categoria social**. In: Juventude: Ensaio Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: Difel, p. 7-27, 2000.

NOVAES, R. **Juventude E Sociedade**: jogo de espelhos. sentimentos, percepções de demandas por direitos e políticas públicas. In: Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida. São Paulo, 2007.